

METODOLOGIA DE PESQUISA: CONCEITOS GERAIS

PRESIDENTE DA REPÚBLICA: Dilma Vana Rousseff
MINISTRO DA EDUCAÇÃO: Aloizio Mercadante

SISTEMA UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
DIRETOR DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA DA COORDENAÇÃO DE
APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR – CAPES:
João Carlos Teatini de Souza Clímaco

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE
UNICENTRO**

REITOR: Aldo Nelson Bona
VICE-REITOR: Osmar Ambrósio de Souza
DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Ademir Juracy Fanfa Ribas
VICE-DIRETOR DO CAMPUS SANTA CRUZ: Darlan Faccin Weide
PRÓ-REITOR DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PROPESP: Marcos Ventura Faria
COORDENADORA NEAD/UAB/UNICENTRO: Maria Aparecida Crissi Knüppel
COORDENADORA ADJUNTA NEAD/UAB/UNICENTRO: Jamile Santinello

SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS

DIRETOR: Carlos Alberto Marçal Gonzaga
VICE-DIRETORA: Elieti Fátima de Gouveia

CHEFIA DEPARTAMENTO DE ADMINISTRAÇÃO/IRATI

CHEFE: Laura Rinaldi de Quadros
VICE-CHEFE: Mauricio João Atamanczuk

**COORDENAÇÃO DO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO E
FORMAÇÃO EMPREENDEDORA MODALIDADE A DISTÂNCIA**

COORDENADORA DO CURSO: Sérgio Luís Dias Doliveira
COORDENADORA DE TUTORIA: Monica Aparecida Bortolotti

COMITÊ EDITORIAL DO NEAD/UAB

Aldo Bona, Edelcio Stroparo, Edgar Gandra, Jamile Santinello, Klevi Mary Reali,
Margareth de Fátima Maciel, Maria Aparecida Crissi Knüppel,
Rafael Sebrian, Ruth Rieth Leonhardt.

ANTÔNIO JOÃO HOCAYEN DA SILVA

METODOLOGIA DE PESQUISA: CONCEITOS GERAIS

REVISÃO ORTOGRÁFICA
Daniela Leonhardt
Maria Cleci Venturini
Soely Bettes

PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO
Andressa Rickli
Espencer Ávila Gandra
Luiz Fernando Santos

CAPA
Espencer Ávila Gandra

GRÁFICA UNICENTRO
180 exemplares

Nota: O conteúdo da obra é de exclusiva responsabilidade dos autores.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	07
CONCEITOS FUNDAMENTAIS	09
PESQUISA	17
ENFOQUE DE ESTUDO	39
ANÁLISE E DISCUSSÃO	47
REFERÊNCIAS	55

APRESENTAÇÃO

O presente conteúdo tem por objetivo não apenas disponibilizar um compêndio das regras básicas para elaboração de um trabalho científico, conforme rege a ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas). Mais do que isso, esse trabalho compila informações provenientes de vários autores conceituados no ensino da metodologia científica para graduações e pós-graduações, nas diferentes áreas do conhecimento.

Conteúdo que tem como propósito delimitar possíveis caminhos a serem percorridos em termos de classificação, delineamento, realização e apresentação de pesquisas, considerando-se as diferentes perspectivas ligadas ao conhecimento científico.

Cabe lembrar, que em nenhuma hipótese seria intenção definir as informações aqui inseridas como definitivas. Ao contrário, em função, até mesmo, da própria evolução dos conceitos e normas, é imprescindível estarmos abertos a observações e apontamentos construtivos, que possam enriquecer tanto a discussão aqui apresentada como o conteúdo vigente acerca do tema.



CONCEITOS FUNDAMENTAIS

CONHECIMENTO CIENTÍFICO

O ser humano sempre utilizou suas capacidades para conhecer o mundo que o rodeia. Nos primórdios da humanidade, esse processo era mais livre, na base da tentativa e erro. Ao longo dos anos, o homem foi sistematizando suas ações, criando instrumentos e técnicas que lhe permitiram conhecer a natureza das coisas, bem como o comportamento das pessoas (CERVO; BERVIAN, 2002; FACHIN, 2006; BARROS; LEHFELD, 2007).

Desse modo, pode-se observar que as técnicas de ordem prática, os fatos empíricos e as leis formam o elemento de continuidade que permitiu o desenvolvimento histórico do método científico (CERVO; BERVIAN, 2002; FACHIN, 2006; BARROS; LEHFELD, 2007).

Ocorre, assim, a Revolução Científica:

QUADRO 1: PANORAMA DA CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO CIENTÍFICO.

Século XVI	Século XVII
Babilônicos	Copérnico
Egípcios	Bacon
Gregos	Galileu
Método sem sistematização	Descartes
	Procedimento rigoroso e objetivo
	Método Experimental

FONTE: ADAPTADO DE CERVO E BERVIAN (2002), FACHIN (2006), BARROS E LEHFELD (2007).

Aos poucos o método experimental foi sendo aperfeiçoado. Surge o estudo da química e da biologia, no século XVIII. Já no século XIV, surgem novos dados relativos à evolução, ao átomo, à luz, à eletricidade, ao magnetismo e à energia. Pode-se constatar que a mola propulsora do método científico é a articulação entre os métodos e instrumentos com o espírito científico dos pesquisadores (CERVO; BERVIAN, 2002; FACHIN, 2006; BARROS; LEHFELD, 2007).

Em todo o desenvolvimento histórico do método científico, foram identificadas as principais fontes de conhecimento para o mundo. Laville e Dionne (1999) apontam que o saber científico se processa por meio de dois direcionamentos, os Saberes Espontâneos e o Saber Racional, que para os autores são:

- **Observação**

Por meio da observação o ser humano adquire uma enorme quantidade de informações que, depois de processadas, tornam-se conhecimento sobre o mundo exterior:

- **Crenças Religiosas**

As crenças religiosas são passadas aos indivíduos, desde que nascem, e proporcionam conhecimentos acerca dos direitos e deveres perante a sociedade.

- **Obras de Ficção**

As obras de ficção, ainda que não sejam reais, fazem importantes relatos sobre os sentimentos e as características emocionais das pessoas.

- **Autoridade**

Durante toda a nossa vida, pais, professores, governantes, líderes partidários, jornalistas e escritores, entre outras autoridades, descrevem o mundo, definindo as normas e procedimentos que conduzem nossas ações. Pelo fato de darmos crédito a eles, esses conhecimentos são tidos como verdadeiros e incorporados ao nosso dia a dia.

- **Filósofos**

Por se fundamentarem em procedimento racional-especulativo, os ensinamentos dos filósofos têm papel de destaque no conhecimento do mundo. Quase sempre ditam os caminhos a serem percorridos por pesquisadores.

A partir das diferentes fontes do conhecimento, podem ser definidos quatro níveis para o mesmo, conforme descrevem Cervo e Bervian (2002), Gresler (2004), Ruiz (2006) e Marconi e Lakatos (2010), que são:

- **Conhecimento Empírico/Popular**

Vulgar ou do senso comum, é o conhecimento do povo, obtido ao acaso, após inúmeros ensaios e tentativas que resultam em erros e em acertos. Ametódico e assistemático. Pela intensa interação humana e social e pela vivência coletiva os conhecimentos são transmitidos de uma pessoa a outra, de uma geração a outra.

- **Conhecimento Científico**

Procura conhecer, além do fenômeno, suas causas e conseqüências. O conhecimento científico era entendido como:

- Certo
- Geral
- Metódico e sistemático
- Objetivo
- Interesse intelectual
- Espírito crítico

Atualmente a ciência não é considerada como algo pronto, acabado ou definitivo. Não é formada por verdades imutáveis. É dinâmica, busca renovar-se e realizar-se continuamente. É um processo em constante construção.

- **Conhecimento Filosófico**

Os objetos das ciências são os dados próximos, imediatos, perceptíveis pelos sentidos ou por instrumentos. O objeto da filosofia é constituído de realidades mediatas, imperceptíveis aos sentidos e, por serem supra-sensíveis, ultrapassam a experiência.

O filosofar é um interrogar, é um contínuo questionar a si mesmo e à realidade na qual está inserido.

- **Conhecimento Teológico**

Manifesta-se de duas formas:

- O indivíduo penetra, nele, por meio e reflexão e com o auxílio de instrumentos, procurando obter um procedimento que seja científico ou filosófico.

- Aceitar explicações de alguém que já tenha desvendado o mistério, implicando sempre em uma atitude de fé diante de um conhecimento revelado.

Marconi e Lakatos (2010, p. 59-69), citando Trujillo (1974), sistematizam as características centrais que descrevem cada um dos tipos de conhecimento, bem como tornam possível a diferenciação entre estes. Assim segue:

FIGURA 1: CARACTERÍSTICAS DOS TIPOS DE CONHECIMENTO.

Empírico/Popular	Científico
Valorativo	Real (factual)
Reflexivo	Contingente
Assistemático	Sistemático
Variável	Verificável
Falível	Falível
Inexato	Aproximadamente exato
Conhecimento	
Valorativo	Valorativo
Racional	Inspiracional
Sistemático	Sistemático
Não verificável	Não verificável
Infalível	Infalível
Exato	Exato
Filosófico	Religioso (Teleológico)

FONTE: ADAPTADO DE MARCONI E LAKATOS (2010).

ESPÍRITO CIENTÍFICO

FORMAÇÃO

Para realizar um trabalho científico não basta apenas conhecer e aplicar o instrumental metodológico disponível. É necessário que o pesquisador esteja tomado pelo espírito científico.

A formação do espírito científico se inicia na curiosidade infantil, passa pela inquietação da adolescência e pelos sonhos do jovem. Com os incentivos adequados, pode-se formar cientistas e pesquisadores (CERVO; BERVIAN, 2002; RUIZ, 2006).

NATUREZA

O espírito científico, conforme apontam Cervo e Bervian (2002), é uma atitude ou disposição do pesquisador que busca soluções sérias, com métodos adequados, para o problema que enfrenta.

Na concepção de Cervo e Bervian (2002) e Ruiz (2006) é a expressão de uma mente:

- **Crítica**

Criticar é julgar, distinguir, discernir, analisar para melhor poder avaliar os elementos componentes da questão.

- **Objetiva**

A objetividade é a condição básica da ciência. O que vale não é o que algum cientista imagina ou pensa, mas aquilo que realmente é.

- **Racional**

A racionalidade justifica-se pelo fato de que as únicas razões explicativas de uma questão só podem ser intelectuais ou racionais.

QUALIDADE

As qualidades do espírito científico, de acordo com Cervo e Bervian (2002), são:

- Senso de observação
- Gosto pela precisão e pelas ideias claras
- Imaginação ousada regida pela necessidade de prova
- Curiosidade
- Humildade para reconhecer limitações
- Imparcial
- Honestidade para evitar plágio
- Coragem para enfrentar obstáculos
- Não reconhecer fronteiras

O espírito científico é importante para a continuidade do processo de pesquisa científica e para a evolução da ciência.

CIÊNCIA

O termo ciência pode ser caracterizado como uma forma de conhecimento **objetivo, racional, sistemático, geral, verificável e falível** (CERVO; BERVIAN, 2002).

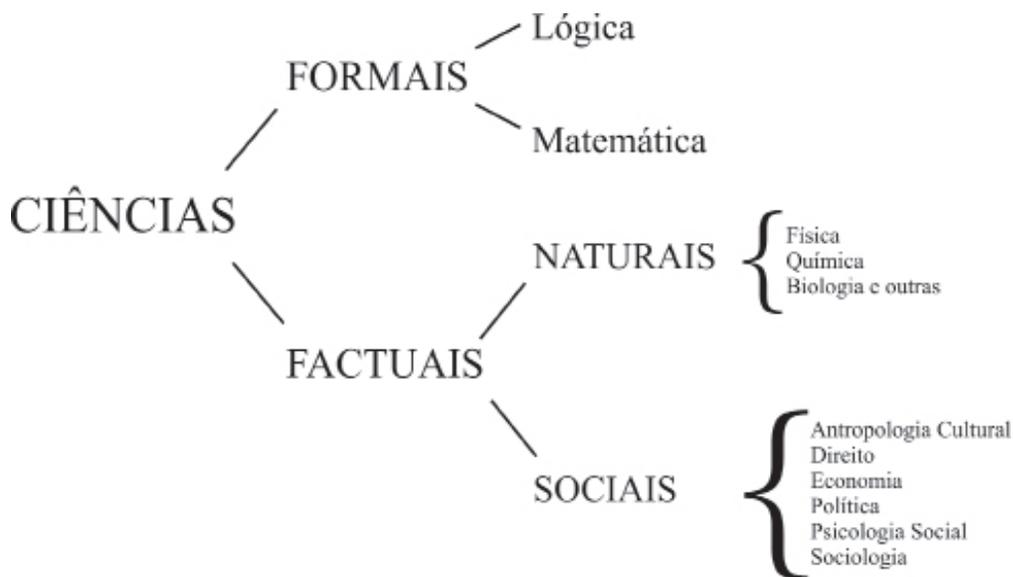
- **Objetivo** – porque descreve a realidade independentemente dos fatores subjetivos atrelados ao pesquisador.
- **Racional** – porque se vale da razão e não de sensações ou impressões.
- **Sistemático** – porque se preocupa em construir sistemas de ideias organizadas racionalmente.
- **Geral** – porque seu interesse se dirige fundamentalmente à elaboração de leis ou normas gerais, que expliquem fenômenos variados.
- **Verificável** – porque permite demonstrar a veracidade das informações.
- **Falível** – porque reconhece sua própria capacidade de errar.

Marconi e Lakatos (2010, p. 62-63) apontam que as Ciências possuem:

- **Objetivo ou finalidade:** preocupação em distinguir a característica comum ou as leis gerais que regem determinados eventos;
- **Função:** aperfeiçoamento, através do crescente acervo de conhecimentos, da relação do homem com o seu mundo; e
- **Objeto**
 - **Material:** aquilo que se pretende estudar, analisar, interpretar ou verificar, de modo geral;
 - **Formal:** o enfoque especial, em face das diversas ciências que possuem o mesmo objeto material.

As características descritas por Marconi e Lakatos (2010) estão relacionadas à forma como são classificadas as Ciências, como se percebe a seguir:

FIGURA 2: CLASSIFICAÇÃO E DIVISÃO DAS CIÊNCIAS.



FONTE: MARCONI E LAKATOS (2010, P. 63).

A construção do mapa que delimita as diferentes ciências que, embora tenham uma origem histórica muito próxima, é importante para se compreender as especificidades de cada uma delas, bem como a forma como são construídos seus respectivos métodos de pesquisa.

Nesse sentido, Richardson (1999, p. 22) salienta que método é “o caminho ou a maneira para se chegar a determinado fim ou objetivo”, e a metodologia pode ser entendida como “os procedimentos e regras utilizadas por determinado método”.

Contudo, ainda que se perceba a distinção entre as diferentes áreas do conhecimento, Richardson (1999, p. 23) aponta que cinco elementos são comuns nessas áreas, os quais são:

- Meta: o objetivo do estudo;
- Modelo: qualquer abstração do que está sendo trabalhado ou estudado;
- Dados: as observações realizadas para representar a natureza do fenômeno;
- Avaliação: processo de decisão sobre a validade do modelo; e
- Revisão: mudanças necessárias no modelo.

QUESTÕES PARA DEBATE

1) Reflita sobre o Método Científico, destacando o desenvolvimento da Ciência até chegar ao Conhecimento Científico que existe atualmente.

2) Descreva as características principais da Ciência, apresentando exemplos que possam ilustrar cada uma delas.

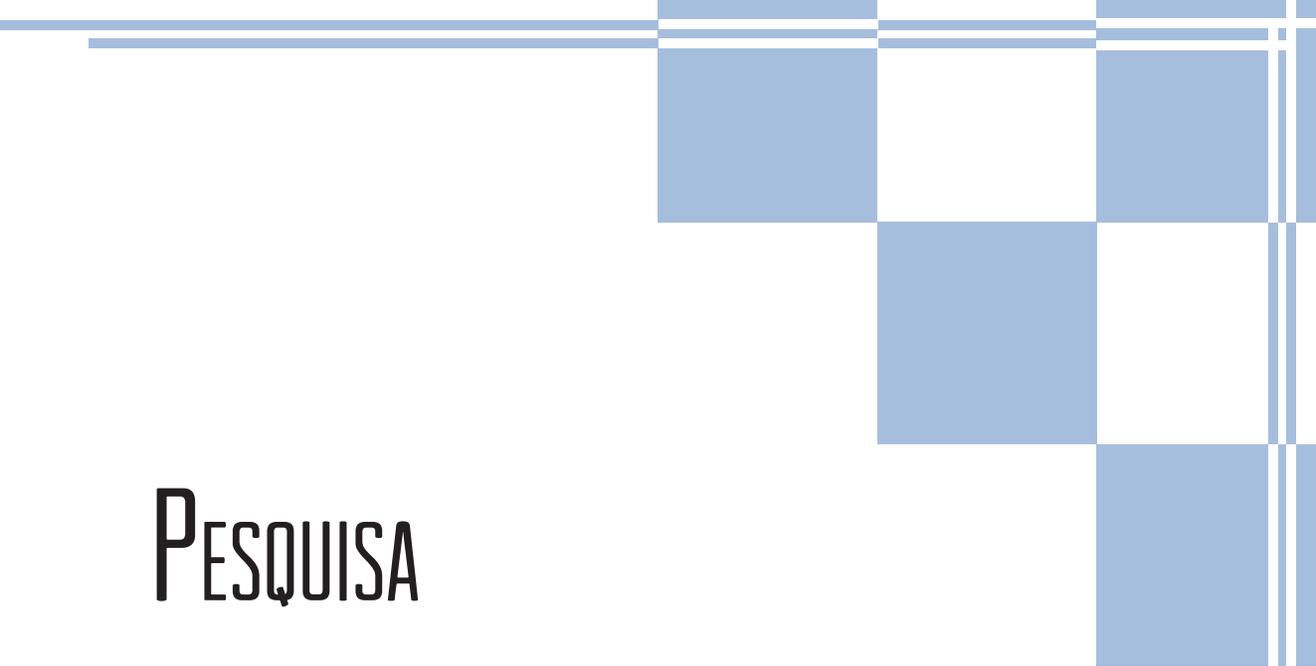
LEITURA COMPLEMENTAR

ANDERY, M. A.; MICHELETTO, N.; PIRES SÉRIO, T. M.; RUBANO, D. R.; MOROZ, M.; PEREIRA, M. E.; GIOIA, S. C.; GIANFALDONI, M.; SAVIOLLI, M. R.; ZANOTTO, M. L. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2007. (Capítulo 1).

BERTERO, Carlos Osmar. O ensino de metodologia de pesquisa em administração. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 24, n. 4, Dec. 1984. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75901984000400022&lng=en&nrm=iso>.

ATIVIDADES

Após a leitura do Capítulo 1, do livro indicado como leitura complementar, construir uma resenha de no mínimo 400 palavras e no máximo 500 palavras, destacando as ideias centrais das autoras, bem como sua compreensão acerca do texto.



PESQUISA

CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

Uma pesquisa científica pode ser classificada de diferentes modos, de acordo com os objetivos que foram definidos pelo pesquisador (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002). Deve-se considerar ainda as características específicas de cada área do conhecimento.

A classificação da pesquisa indica o caminho que o pesquisador está adotando para a realização de seu estudo, possibilitando a outros estudiosos a comprovação dos resultados, posteriormente apresentados, bem como a replicação do estudo em diferentes contextos ou áreas.

Os procedimentos adotados têm relevante importância no processo da pesquisa, por permitir que o pesquisador responda ao problema proposto e, conseqüentemente, atinja os objetivos esperados. Além de aproximar o pesquisador do objeto de estudo, esses procedimentos possibilitam traçar novos caminhos científicos, de forma que uma teoria seja reformulada, caso já exista; ou seja construída, caso os resultados apresentem novas perspectivas para o fenômeno pesquisado (VERGARA, 2005).

TIPOS DE ESTUDOS

Estudo Teórico

- Plano das ideias
- Discussão conceitual

Exemplo

Analisar a evolução histórica dos conceitos de avaliação e treinamento na literatura da área de gestão de pessoas.

Estudo Teórico-Empírico

- Parte de conceitos teóricos
- Busca aplicação prática

Exemplo

Analisar os processos de avaliação e treinamento de pessoal, desenvolvidos por empresas de confecções no Estado do Paraná.

QUANTO AO TIPO

Pesquisa Básica

Motivada basicamente pela curiosidade intelectual do pesquisador e situada, sobretudo no nível da especulação e descoberta da verdade, intuindo novos conhecimentos (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002; VERGARA, 2005).

Exemplo

Pesquisa Aplicada

Motivada pela necessidade de resolver problemas concretos, mais imediatos. Tem finalidade prática (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002; VERGARA, 2005).

Exemplo

QUANTO AO MÉTODO

Método Dedutivo

Parte do geral, princípios tidos como verdadeiros e indiscutíveis, e desce ao particular. O ponto chave da dedução é a relação lógica que se estabelece entre proposições (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Exemplo: Todo homem é mortal (maior).

Pedro é homem (menor).

Logo, Pedro é mortal (conclusão).

Esse método é amplamente utilizado em ciências como a física e a matemática. Em ciências sociais sua aplicação é restrita em virtude da dificuldade de se obter argumentos gerais, cuja veracidade não possa ser colocada em dúvida (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Método Indutivo

Parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares. É fundamentado na experiência. Alguns casos particulares são observados e, constatando-se resultados similares, procede-se a generalização, com base na relação verificada entre os fatos ou fenômenos (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Marconi e Lakatos (2010, p. 68) enfatizam que “indução é um processo mental por intermédio do qual, partindo de dados particulares, suficientemente constatados, infere-se uma verdade geral ou universal, não contida nas partes examinadas”.

Exemplo: Antonio é mortal.

Benedito é mortal.

Carlos é mortal.

Zózimo é mortal.

Ora, Antonio, Benedito, Carlos e Zózimo são homens.

Logo, todos os homens são mortais.

Marconi e Lakatos (2010, p. 69) destacam que o método indutivo possui as seguintes regras fundamentais:

- Observação dos fenômenos
- Descoberta da relação entre esses fenômenos
- Generalização da relação entre os fenômenos

QUANTO À NATUREZA

As definições relacionadas ao processo de classificação da pesquisa indicam ao pesquisador os métodos de coleta e as técnicas de análise dos dados que serão utilizados para a consecução do estudo.

Duas possíveis direções podem ser assumidas pelos pesquisadores: a dos métodos qualitativos e a dos métodos quantitativos, ainda que, conforme salientam Easterby-Smith, Thorpe e Lowe (1999, p. 70), “não sejam inteiramente

autônomas, estando subordinadas às considerações de propósitos e filosofia adotada no estudo”.

Qualitativa

Não há uma preocupação com medidas, quantificações ou técnicas estatísticas de qualquer natureza. Busca-se compreender, com base em dados qualificáveis, a realidade de determinados fenômenos, a partir da percepção dos diversos atores sociais (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Normalmente são implementadas técnicas de coleta, codificação e análise de dados, que têm como meta gerar resultados a partir dos significados dos fenômenos estudados, sem a manifestação de preocupações com a frequência com que os fenômenos se repetem no contexto do estudo.

Os atores sociais envolvidos na pesquisa são levados a refletir sobre suas ações e as consequências dessas ações para a realidade na qual estão inseridos.

“A abordagem qualitativa de um problema, além de ser uma opção do investigador, justifica-se, sobretudo, por ser uma forma adequada para entender a natureza de um fenômeno social” (RICHARDSON, 1999, p. 79).

Nesse sentido, destaca-se que a pesquisa qualitativa envolve:

- Qualificação dos dados
- Avaliação da qualidade das informações
- Percepção dos atores sociais
- Não se preocupa com medidas

Quantitativa

Implica na utilização de medidas previamente estabelecidas, cujos resultados sejam quantificáveis, garantindo o estabelecimento de conclusões seguras e confiáveis (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Segundo Richardson (1999, p. 70), “o método quantitativo, como o próprio nome indica, caracteriza-se pelo emprego da quantificação, tanto nas modalidades de coleta de informações quanto no tratamento delas por meio de técnicas estatísticas”. Estudos dessa natureza podem aplicar técnicas como médias, desvio-padrão, moda, correlação, regressão etc. (RICHARDSON, 1999).

Nesse sentido, destaca-se que a pesquisa quantitativa:

- Utilização de medidas
- Busca resultados quantificáveis
- Não se preocupa com a qualificação dos dados
- Uso de estatística básica ou avançada

Quali-Quant

São desenvolvidas duas etapas de pesquisa: primeiramente é conduzida a fase qualitativa para se conhecer o fenômeno estudado. De posse

dessas informações, parte-se para a construção de um questionário fechado e o aplica no setor. Depois da tabulação, é feita a análise dos dados com o auxílio de instrumentos estatísticos.

A decisão pelo desenvolvimento de uma pesquisa quali-quanti envolve, além do interesse dos pesquisadores, o enfoque dado ao problema de pesquisa que, muitas vezes, depende de uma abordagem múltipla para ser adequadamente investigado (GIL, 1999; RICHARDSON, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

QUANTO AOS NÍVEIS

Dentro da classificação da pesquisa, destacam-se, ainda, os níveis de manifestação do estudo, que podem ser identificados com base nos objetivos específicos propostos. Convencionalmente, os níveis de pesquisa se dividem em: (i) estudos exploratórios; (ii) estudos descritivos; e (iii) estudos explicativos (NEUMAN, 1997; SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2000).

Exploratório

Existência de pouco conhecimento sobre determinado tema. Desenvolvidos por meio de pesquisas bibliográficas, com denso diagnóstico na literatura; por conversas com outros pesquisadores especialistas na área, buscando informações sobre as especificidades do fenômeno pesquisado, e por meio da condução de entrevistas com grupos focais.

Conforme salienta Triviños (1987, p. 109), “os estudos exploratórios permitem ao investigador aumentar sua experiência em torno de determinado problema”. O autor destaca que pode servir ainda “para levantar possíveis problemas de pesquisa” (TRIVIÑOS, 1987, p. 109).

Esse tipo de pesquisa apresenta menor rigidez no planejamento. É desenvolvida com o objetivo de proporcionar visão geral acerca de determinado fato. É realizado especialmente quando o tema é pouco explorado e torna-se difícil sobre ele formular hipótese (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Saunders, Lewis e Thornhill (2000) enfatizam que os estudos exploratórios são desenvolvidos primordialmente por meio de pesquisas bibliográficas, com denso diagnóstico na literatura; em conversas com outros pesquisadores especialistas na área, buscando informações sobre as especificidades do fenômeno pesquisado; e pela condução de entrevistas em grupos focais.

Neuman (1997) observa que os estudos exploratórios são utilizados normalmente para investigar um novo tema de pesquisa, podendo, em muitos casos, apresentar-se como primeiro estágio de um conjunto de etapas do estudo.

Estudos exploratórios estão atrelados a:

- Pouco conhecimento sobre o tema
- Diagnóstico na literatura
- Conversas com outros pesquisadores
- Menor rigidez no planejamento
- Normalmente são qualitativos

Descritivo

Nas pesquisas descritivas, normalmente, os pesquisadores possuem um vasto conhecimento do objeto de estudo, em virtude dos resultados gerados por outras pesquisas (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

A pesquisa descritiva visa efetuar a descrição de processos, mecanismos e relacionamentos existentes na realidade do fenômeno estudado, utilizando, para tanto, um conjunto de categorias ou tipos variados de classificações (NEUMAN, 1997). Triviños (1987, p. 110) afirma que “o estudo descritivo pretende descrever com exatidão os fatos e fenômenos de determinada realidade”.

Os estudos descritos podem ser traçados em função de:

- Simples descrição do fenômeno
- Uso de categorias ou classificações
- Qualitativos ou quantitativos
- Exige planejamento antecipado

Explicativo

Tem por natureza o objetivo de determinar, por meio do confronto de variáveis, os fatores ou causas que determinam ou influenciam a manifestação de determinados fenômenos. Visa explicar por que o fenômeno ocorre, quais os fatores que o causam ou contribuem para sua ocorrência, ou qual é a explicação para a relação existente entre dois ou mais fenômenos (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Tem a finalidade de explicar por que o fenômeno ocorre? Quais são os fatores que causam ou contribuem para sua ocorrência? Ou qual é a explicação para a relação entre dois ou mais fenômenos? É o tipo mais complexo e delicado de pesquisa e exige grande atenção dos pesquisadores.

Para Saunders, Lewis e Thornhill (2000), as pesquisas de cunho explicativo possuem por natureza o objetivo de determinar, pelo confronto de variáveis, os fatores ou causas que influenciam a manifestação de determinados fenômenos.

Estudos explicativos envolvem:

- Explicar o fenômeno em estudo
 - Relação: Causas – Consequências

- Relação entre dois fenômenos
- Qualitativos ou quantitativos
- Bom planejamento antecipado

QUANTO ÀS FONTES

Primárias

São as fontes portadoras de dados brutos, ou seja, dados que ainda não foram coletados, tabulados e analisados. Exemplos: consumidores, telespectadores, ouvintes, leitores etc (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Marconi e Lakatos (2010, p. 143) delimitam como fontes primárias:

- Dados históricos, bibliográficos e estatísticos
- Informações, pesquisas e material cartográfico
- Arquivos oficiais e particulares
- Registros em geral
- Documentação pessoal (diários, memórias, autobiografias);
- Correspondência pública ou privada etc

Secundárias

São as fontes que possuem dados que já foram coletados e sintetizados, ou seja, informações disponíveis para consulta. Exemplos: IBGE, FGV, relatórios, jornais, revistas, livros etc (GIL, 1999; CERVO; BERVIAN, 2002).

Como fontes secundárias de dados, Marconi e Lakatos (2010, p. 143), apontam:

- Imprensa em geral e obras literárias.

QUANTO ÀS TÉCNICAS

Bibliográfico

Estudo desenvolvido a partir de material já elaborado, principalmente livros e artigos científicos. Grande parte dos estudos exploratórios é desenvolvida a partir de fontes bibliográficas e são importantes para o surgimento de novos caminhos para as pesquisas empíricas. Permite ao pesquisador cobrir uma gama maior de fenômenos. Como principal desvantagem, destaca-se o risco da apresentação de dados com baixa qualidade (GIL, 1999).

Em síntese, os estudos bibliográficos focam:

- Trabalhar com conceitos teóricos
- Material já elaborado
- Permite ampliar o foco de pesquisa
- Risco de dados com baixa qualidade

Documental

Vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico (GIL, 1999).

Documentos de 1º mão: documentos oficiais, reportagens de jornal, cartas, contratos, diários, filmes e fotografias.

Documentos de 2º mão: relatórios de pesquisas, relatórios de empresas e tabelas estatísticas.

Duas questões são relevantes nos estudos documentais:

- Cuidado com as fontes
- Dados mascarados pelos informantes

Experimental

Representa o melhor exemplo de pesquisa científica. Consiste em determinar um objeto de estudo, selecionar as variáveis que seriam capazes de influenciá-lo, definir as formas de controle e de observação dos efeitos da variável sobre objeto (GIL, 1999).

As pesquisas do tipo experimental são mais simples em estudos que utilizam entidades físicas (líquidos, bactérias ou ratos). Quando são aplicados em objetos sociais (pessoas, grupos ou instituições), tornam-se limitadas em função das dificuldades de controle e observação do objeto estudado (GIL, 1999).

Estudos experimentais consistem em:

- Determinar o objeto
- Selecionar as variáveis
- Definir formas de controle
- Observar os efeitos
- Limitado no meio social

Ex-post-facto

Investigação sistemática e empírica na qual o pesquisador não tem controle sobre as variáveis porque normalmente elas já ocorreram. É necessário estabelecer um resgate histórico sobre o fato em estudo (GIL, 1999).

Nesse tipo de pesquisa o pesquisador busca informações sobre algo que já ocorreu, tentando desvendar suas causas e as variáveis que o causaram.

Deve-se considerar que:

- Não há controle sobre o fenômeno

- Situação passada
- Exige resgate histórico
- Limitado pela perda de informações

Levantamento (Survey)

Caracterizam-se pela interrogação direta das pessoas cujo comportamento se deseja conhecer. Normalmente envolve-se um grupo significativo de pessoas, para, em seguida, utilizando-se de métodos quantitativos, gerar os resultados e conclusões da pesquisa (GIL, 1999; BAPTISTA; CAMPOS, 2007).

Quando são levantadas informações referentes a todos os membros do universo pesquisado será caracterizado um censo. Contudo, em função da limitação de tempo e de recursos financeiros, normalmente, é selecionada por meio de procedimentos estatísticos uma amostra significativa da população (GIL, 1999; BAPTISTA; CAMPOS, 2007).

Principais vantagens:

- Conhecimento direto da realidade
- Economia e rapidez
- Quantificação

Principais limitações:

- Ênfase nos aspectos prospectivos
- Pouca profundidade no estudo da estrutura e dos processos sociais
- Limitada apreensão do processo de mudança

Desse modo, percebe-se que os levantamentos são mais adequados aos estudos descritivos, porque não buscam compreender as causas e as consequências do fenômeno estudado (GIL, 1999).

Estudos de levantamentos envolvem:

- Interrogação direta das pessoas
- População – amostra
- Uso de métodos quantitativos
- Aplicação de questionários
- Permite generalização dos resultados

Estudo de Caso

É caracterizado pelo estudo exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado. Para a realização de um estudo de caso podem ser utilizadas diferentes fontes de investigação, como: entrevistas, questionários e observação (GIL, 1999; YIN, 2001).

Contudo, existem alguns preconceitos contra o estudo de caso:

- Falta de rigor metodológico;
- Dificuldade de generalização; e
- Tempo destinado à pesquisa.

Yin (2001, p. 119) estabelece que é necessário seguir três princípios básicos para a obtenção de dados que forneçam confiabilidade e validade aos resultados apresentados por um estudo de caso:

Utilização de várias fontes de evidência; permite que o pesquisador se dedique a uma ampla diversidade de questões históricas, comportamentais e de atitudes, usufruindo dessa forma da triangulação de dados.

- Criação de um banco de dados para o estudo; o banco de dados possibilita o desenvolvimento de investigações secundárias, por outros pesquisadores, uma vez que não possui nenhum parecer do pesquisador que os coletou.
- Manutenção do encadeamento de evidências; dessa forma, observadores externos poderão perceber que quaisquer evidências provenientes de questões iniciais da pesquisa poderão conduzir às conclusões finais.

Visando minimizar os possíveis ‘preconceitos’ relacionados ao estudo de caso, como estratégia de pesquisa, Yin (2001) salienta que o pesquisador deve implementar táticas de pesquisa que proporcionem confiabilidade ao estudo, utilizando-se para tanto os testes de validade do construto, validade interna, validade externa e confiabilidade. Yin (2001, p. 55) afirma que “esses quatro testes são utilizados para garantir a qualidade de qualquer pesquisa social empírica”.

A validade do construto é garantida na fase de coleta de dados, com a utilização de múltiplas fontes de evidências. O teste de validade interna, conforme observa Yin (2001), deve ser efetuado na fase de análise de dados, com o desenvolvimento de adequações ao padrão, construção de explicações e análise de séries temporais. No entanto, o autor salienta que está mais intimamente ligado à pesquisa experimental e quase-experimental, com estudos de casos explanatórios, não se aplicando a este estudo de casos múltiplos em específico.

A validade externa está relacionada ao fato de se poder garantir que os resultados obtidos em um estudo de caso único possam ser generalizáveis além do estudo. O pesquisador deve se preocupar com esse teste no decorrer de todo o projeto de pesquisa. Neste estudo foi obtida a validade externa, de acordo com o proposto por Yin (2001), ou seja, em função da lógica de replicação, sendo desenvolvido para tanto um estudo de casos múltiplos.

Em relação à confiabilidade do estudo, que deve ser perseguida na fase de coleta de dados, trata-se de garantir que, no caso de futuros pesquisadores

seguirem os passos e etapas adotadas por este estudo, os resultados e as conclusões obtidos serão similares. Com a confiabilidade busca-se minimizar as implicações dos ‘erros’ e das visões tendenciosas nos resultados (YIN, 2001).

Assim, em relação ao estudo de caso, destaca-se:

- Um ou poucos objetos de pesquisa
- Estudo profundo e exaustivo
- Uso de métodos qualitativos
- Uso do estudo de caso piloto
- Uso do protocolo do estudo de caso

Yin (2001, p. xi) afirma que “o estudo de caso há muito foi estereotipado como o ‘parente pobre’ entre os métodos de ciência social”. Esse preconceito surge em decorrência da falta de rigor de muitos pesquisadores, ao conduzir estudos de caso; pela impossibilidade de se fazer generalizações científicas, a partir de um caso único; em função do tempo demandado para realização do estudo e do volume de documentos gerados; e muitas vezes pela influência das crenças e valores dos pesquisadores sobre os apontamentos e conclusões obtidos pelo estudo.

Por sua vez, Campomar (1991) salienta que os preconceituosos, quanto ao uso de estudos de caso em pesquisa, podem ser divididos em dois grupos: (i) há aqueles que, por desconhecer o método, o consideram pouco estruturado, fácil e, por isso, pouco acadêmico; e (ii) aqueles que confiam somente naquilo que é quantificado. O autor acredita que ambos estão equivocados, porque, por ser pouco estruturada, maior será a complexidade da metodologia e maior deve ser a dedicação acadêmica do pesquisador. Em relação aos quantitativistas, observa-se o uso de técnicas estatísticas sofisticadas em dados mal coletados, em virtude do uso de amostras deficientes. Conforme afirma Maior Filho (1984), “a validade de uma pesquisa não depende do grau de quantificação por ela alcançado”.

No entanto, deve-se reconhecer a limitação do método de caso, que não permite a generalização dos resultados obtidos para os demais elementos do universo pesquisado; haja vista que os casos não se caracterizam em unidades amostrais e não se destinam a enumerar a frequência com que um fenômeno ocorre (YIN, 2001).

Estudo de Campo

Procura muito mais o aprofundamento das questões propostas do que a distribuição das características da população. Desse modo, seu planejamento torna-se mais complexo e, ao mesmo tempo, sua aplicação é mais flexível do que os *surveys* (RUIZ, 2006).

Estuda-se um único grupo ou comunidade em termos de sua estrutura social, ou seja, ressaltando a interação de seus componentes. Utiliza-se com maior frequência técnicas de observação (GIL, 1999; RUIZ, 2006).

Os estudos de campo consideram:

- Estudo de um grupo ou população
- Compreender estrutura social
- Exige deslocamento do pesquisador
- Uso de métodos qualitativos
- Aplicação mais flexível

Marconi e Lakatos (2010) apresentam as vantagens e desvantagens da pesquisa de campo:

- Vantagens
 - Formação de um banco de dados acerca de determinados fenômenos sociais, que podem ser utilizados por outros pesquisadores;
 - Trabalhando-se com amostragem de indivíduos, representativos da população, o estudo de campo torna-se mais facilitado.
- Desvantagens
 - Controle, tanto na coleta quanto no tratamento dos dados, é reduzido, possibilitando que fatores externos interfiram nos resultados do estudo;
 - Os depoentes podem relatar situações que não refletem a realidade investigada, prejudicando assim a pesquisa.

QUANTO AOS INSTRUMENTOS

De acordo com os objetivos pretendidos pelo estudo, os seguintes métodos de coleta de dados podem ser adotados: (ii) observação; (iii) entrevistas; e (iv) questionários (SAUNDERS; LEWIS; THORNHILL, 2000).

Observação

Consiste em observar, direta ou indiretamente, os fenômenos que estão sendo analisados. É interessante pelo fato de que os dados são percebidos diretamente na realidade que está sendo investigada, sem qualquer intervenção de terceiros. Há uma redução do fator subjetivo. Pode ser estruturada, não-estruturada, participante e não participante, individual ou em equipe, no

cotidiano das pessoas ou em laboratório (GIL, 1999; MARCONI; LAKATOS, 2010).

Para o adequado uso necessita de:

- Um objetivo claramente definido;
- Ser planejada; e
- Critério para verificação e controle.

O principal problema no caso de uma observação ocorre quando a presença do pesquisador pode provocar alterações no comportamento dos observados, reduzindo a confiabilidade dos dados o que pode prejudicar os resultados da pesquisa (GIL, 1999).

Marconi e Lakatos (2010) salientam que a partir da observação os pesquisadores têm a oportunidade de avaliar a veracidade de depoimentos concedidos por diferentes atores sociais. Isso se torna possível, pelo fato de que nos depoimentos as pessoas têm mais facilidades em distorcer as informações, e, nos comportamentos no dia a dia, dificilmente conseguem manter essas distorções.

Antes de o pesquisador iniciar o processo de coleta de dados por meio da observação é necessário definir o seguinte:

- Os sujeitos;
- O cenário; e
- O comportamento social do grupo.

Com relação às observações, percebe-se que:

- Permitem observar o fenômeno no local
- Não há intervenção de terceiros
- Implica na redução do fator subjetivo

Entrevista

Consiste na ação em que pesquisador e pesquisado ficam frente a frente e o pesquisador formula perguntas de acordo com o seu interesse de pesquisa. É a técnica de pesquisa mais utilizada no meio social por diferentes profissionais a partir de diferentes interesses (GIL, 1999).

As entrevistas constituem-se em técnicas de coletas de dados, que permite a “investigação social, para a coleta de dados ou para ajudar no diagnóstico ou no tratamento de um problema social” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 178). Tendo em vista que, pesquisador e pesquisado estão face a face, a possibilidade de esclarecimento de muitas questões, bem como a observação de expressões, no decorrer das respostas de diferentes assuntos, promove a entrevista como um procedimento que contribui significativa na condução de estudos.

Para Flick (2004), as entrevistas com roteiros semi-estruturados em comparação com as entrevistas padronizadas ou com os questionários facilitam o processo de obtenção de informações, a partir do ponto de vista dos entrevistados. Em função de sua flexibilidade, permitem ao pesquisador incluir e excluir determinadas questões ou ainda efetuar alterações na ordem das questões, em virtude das respostas obtidas.

Na concepção de Gil (1999), as principais vantagens são:

- Possibilita a obtenção de dados referentes aos mais diversos aspectos da vida social;
- Eficiente para a obtenção de dados em profundidade acerca do comportamento humano;
- Os dados podem ser classificados ou quantificados;
- Não exige que a pessoa saiba ler ou escrever;
- Possibilita maior número de respostas, pois é difícil negar-se a ser entrevistado;
- Flexibilidade maior; e
- Possibilita captar a expressão corporal do entrevistado.

Na concepção de Gil (1999), as principais limitações são:

- Falta de motivação do entrevistado;
- Inadequada compreensão das perguntas;
- Respostas falsas;
- Incapacidade do entrevistado em responder adequadamente;
- Influência do pesquisador sobre o entrevistado;
- Influência das opiniões pessoais do entrevistador sobre as respostas; e
- Custos com treinamento e aplicação.
- Níveis de estruturação das entrevistas:
 - Entrevista Informal/Não estruturada

Modelo de entrevista menos estruturado. Distingue-se da simples conversação porque o pesquisador tem como objetivo coletar alguns dados. Normalmente é utilizada para a obtenção de uma visão geral do problema pesquisado (GRESSLER, 2004).

- Entrevista Focalizada

Também extremamente livre quanto à anterior, contudo, o pesquisador tende a focar um tema específico, permitindo ao entrevistado expor suas ideias sobre o assunto livremente (GRESSLER, 2004).

- Entrevista Por Pautas

Apresenta certo grau de estruturação, haja vista que é guiada por uma relação de pontos de interesse que o entrevistador explora no decorrer de sua realização. As pautas são agrupadas em ordem, estabelecendo certa coerência ao longo da entrevista (GIL, 1999).

- Entrevista Estruturada

É realizada a partir de um roteiro fixo de questões, cuja ordem e redação permanecem inalteráveis para todos os entrevistados. Não permite a inclusão de perguntas no decorrer do seu desenvolvimento (GRESSLER, 2004).

Modo de registro:

- Anotações imediatas; e
- Gravador no decorrer.

Anotar as informações posteriormente pode implicar na perda de algumas informações devido à dificuldade de lembranças e de memorizar.

Marconi e Lakatos (2010) descrevem os passos centrais na preparação das entrevistas:

- Planejamento da entrevista, considerando-se o propósito do estudo
- Conhecimento prévio do entrevistado
- Agendamento da entrevista, visa as melhores condições para sua realização
- Focar atores sociais que são peças chave no grupo
- Conhecer a realidade investigada
- Organização prévia das questões e da forma de execução da entrevista

Questionário

Instrumento de investigação composto por um número de questões que são apresentadas às pessoas envolvidas na pesquisa. Podem ser auto-aplicados ou aplicados com entrevista ou formulários (GIL, 1999). Podem ser enviados por correio, que, após o preenchimento, serão devolvidos pelo participante (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Contudo, percebe-se que alguns questionários são aplicados na presença dos pesquisadores, que podem aguardar seu preenchimento, ou fazer as perguntas e marcar as respostas.

Podem ser realizados pré-testes para garantir a qualidade do instrumento de pesquisa (GIL, 1999). Os pré-testes são realizados com um pequeno grupo de atores sociais, com o mesmo perfil da realidade investigada, que após responderem o questionário, o mesmo será revisado de acordo com

a percepção desses participantes. Tem como propósito adequar as questões à realidade investigada.

Caso o pesquisador tenha optado pela adoção de questionários já validados em outros estudos, o pré-teste não é necessário, tendo em vista que as questões são foram ajustas anteriormente. Contudo, é importante que seja citada a fonte de onde o questionário foi retirado.

O pré-teste tem como função central, verificar se o questionário apresenta “fidedignidade – qualquer pessoa que o aplique obterá sempre os mesmos resultados – validade – os dados recolhidos são necessários à pesquisa – operatividade vocabulário acessível e significado claro” (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 186).

Segundo Marconi e Lakatos (2010), as principais vantagens são:

- Attingir grande número de pessoas;
- Menores gastos com pessoal;
- Garante o anonimato das respostas;
- Permite que sejam respondidos no momento mais conveniente; e
- Distancia o pesquisador do pesquisado.

Marconi e Lakatos (2010) informam que as principais limitações são:

- Incluir pessoas que não sabem ler ou escrever;
- Impedir o auxílio ao pesquisado;
- Baixo nível de retorno;
- Atrasos na devolução, quando deixados com os participantes;
- Envolver número pequeno de perguntas, porque questionários grandes podem não ser respondidos; e
- Os itens podem ter significados diferentes para cada pessoa.

Conforme destacam Marconi e Lakatos (2010), os tipos de questões são:

- Questões abertas: normalmente em menor número, pela dificuldade de codificação e posterior tabulação. Permitem que os participantes da pesquisa respondam livremente sobre os assuntos perguntados; e
- Questões fechadas, em maior número, por permitir maior agilidade na tabulação e análise dos dados, bem como por representar as variáveis, dimensões e elementos de análise, que refletem o arcabouço teórico da pesquisa.

QUESTÕES PARA DEBATE

1) Quais são as principais diferenças entre um estudo Teórico e um estudo Teórico-Empírico?

2) Qual a relação entre uma pesquisa de natureza Qualitativa e de nível Explicativo?

3) Quais são as principais diferenças entre as técnicas de pesquisa de Levantamento (Survey) e de Estudo de Caso? Discuta os instrumentos de coleta de dados mais adequados a cada uma delas.

4) Quais são as vantagens e desvantagens da Observação como técnica de pesquisa?

LEITURA COMPLEMENTAR

FREITAS, H.; MOSCAROLA, J. Da Observação à Decisão: Métodos de Pesquisa e de Análise Quantitativa e Qualitativa de Dados. **RAE - eletrônica**, v. 1, n. 1, janeiro-junho, 2002. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae-eletronica/vol1-num1-2002/observacao-decisao-metodos-pesquisa-analise-quantitativa-qualitativa-d>>.

GODOY, A. S. A Pesquisa Qualitativa e sua Utilização em Administração de Empresas. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 4, jul-ago, p.65-71, 1995. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num4-1995/pesquisa-qualitativa-sua-utilizacao-em-administracao-empresas>>.

GODOY, A. S. Introdução à Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 2, mar-abr, p.57-63, 1995. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num2-1995/introducao-pesquisa-qualitativa-suas-possibilidades>>.

GODOY, A. S. Pesquisa Qualitativa - Tipos Fundamentais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n. 3, maio-jun, p.20-29, 1995. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol35-num3-1995/pesquisa-qualitativa-tipos-fundamentais>>.

OLIVEIRA, L. M. B. de.; MORAES, W. F. A. de. Coleta de Dados Realizada por Questionário Enviado Pelo Correio: Método Eficaz?. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 34, n. 4, jul-ago, p.85-92, 1994. Disponível em: <<http://rae.fgv.br/rae/vol34-num4-1994/coleta-dados-realizada-por-questionario-enviado-pelo-correio-metodo-eficaz>>.

ATIVIDADES

1) Considerando a classificação de uma pesquisa quanto à natureza, o texto abaixo pode ser classificado como? Justifique sua resposta:

“Foram adotadas técnicas de coleta, codificação e análise de dados que têm como meta gerar resultados, a partir dos significados dos elementos caracterizadores do fenômeno estudado, sem a manifestação de preocupações com a frequência que se repetem no contexto do estudo. Os atores sociais envolvidos na pesquisa foram levados a refletir sobre suas ações e sobre as consequências dessas ações para a realidade na qual estão insertos”.

2) Quanto ao nível de pesquisa este estudo abaixo pode ser classificado como? Justifique sua resposta:

“Foi observado por meio do ‘estado da arte’ que são escassos os estudos que abordam estratégia no setor turístico, e mais especificamente no setor hoteleiro brasileiro. Além disso, ao procurar estudos empíricos que se voltem para a relação da Abordagem Integradora de Kim e Oh (2004), aplicados ao setor hoteleiro, constatou-se que no Brasil ainda não existem pesquisas com esse conteúdo. Em virtude de descrever as características específicas da realidade que envolve o fenômeno estudado, com base nas diferentes categorias analíticas estabelecidas como dimensões que melhor contextualizam o tema proposto”.

3) A partir dos conceitos discutidos em sala, dê exemplos de estudos com as seguintes características:

Estudo de caso, qualitativo com a aplicação de entrevistas semi-estruturadas.

Survey, quantitativo com a aplicação de questionários fechados.

4) Identifique os erros conceituais nos textos a seguir:

- Para coletar os dados por meio dos questionários foi utilizado um gravador.

- Os resultados obtidos no estudo de caso foram generalizados para toda a população.

- O estudo foi realizado por meio da observação não-participante via telefone entre o pesquisador e a empresa.

- Após a identificação da população, a amostra foi calculada para o estudo bibliográfico sobre recursos humanos.

- Como fontes de dados secundários foram utilizados os dados coletados por meio de entrevistas com os advogados da empresa.

5) Descreva as características específicas dos Estudos Exploratórios, Descritivos e Explicativos, apresentando um exemplo de pesquisa para cada um deles. Em seguida, identifique em quais dos três casos podem ser realizados estudos qualitativos e quantitativos.

6) Estabelecer exemplos práticos diferentes para cada uma das modalidades de pesquisa.

Pesquisa	Exemplo
Básica	
Aplicada	
Teórica	
Teórico-prático	
Qualitativa	
Quantitativa	
Exploratória	
Descritiva	
Explicativa	

7) Abaixo é apresentado o texto dos procedimentos metodológicos adotados por um pesquisador interessado em investigar a missão organizacional em instituições financeiras. Desse modo, preencha as lacunas, a partir das possíveis classificações estudadas:

Adotou-se, um _____, haja vista que, buscou-se construir, com base nos dados coletados, ideias em relação à realidade do setor como um todo. Não havendo, no entanto, a pretensão de se elaborar conclusões concretamente verdadeiras e sim prováveis premissas (NEUMAN, 1997).

O trabalho caracteriza-se como uma pesquisa de natureza _____ que, segundo Flick (2004, p. 28), “é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus locais”. Neste sentido, foram implementadas técnicas de coleta, codificação e análise de dados, com o intuito de gerar resultados a partir dos significados dos fenômenos estudados sem a manifestação de preocupações com a frequência com que os fenômenos se repetem no contexto do estudo.

Classifica-se como um estudo _____, por ser um tema pouco explorado, e por descrever as características específicas da realidade que envolve o fenômeno estudado, com base nas diferentes categorias analíticas estabelecidas como dimensões que melhor contextualizam o tema proposto (NEUMAN, 1997; SAUNDERS; LEWIS; THORNILL, 2000). Neste sentido, o desenho metodológico foi desenvolvido em três etapas, a saber: i) Revisão bibliográfica; ii) Definição de amostragem e coleta de dados referentes à Missão organizacional das nove instituições financeiras, através de seus respectivos *sites* (Internet); e, iii) Análise de conteúdo das definições de Missão a partir dos

critérios (categorias de análise) definidos no objetivo do trabalho, com base no referencial teórico adotado.

A pesquisa _____ caracteriza-se por um estudo sistematizado realizado a partir de material publicado em livros, revistas, jornais, redes eletrônicas, ou seja, material acessível ao público interessado em geral (VERGARA, 1998), já elaborados anteriormente por outros pesquisadores (GIL, 1999). Nesta revisão bibliográfica buscou-se levantar todo o material referente ao tema, através de livros, dissertações, teses e artigos científicos.

Observou-se que a Missão organizacional, isoladamente, não constitui um tema de estudo com vasto referencial teórico ou de interesse dos pesquisadores, sendo encontradas abordagens individualizadas e superficiais de diferentes autores em estudos ligados à administração estratégica e ao planejamento estratégico. O critério de amostragem adotado foi o _____, a partir do qual, a escolha das nove instituições financeiras foi efetuada tendo-se como critério de seleção aspectos de _____ – seleciona elementos pela facilidade de acesso a eles – e _____ – selecionando elementos representativos na população (MARCONI; LAKATOS, 1990; VERGARA, 1998). Dentre as organizações, cujas missões foram coletadas e analisadas, encontram-se sete instituições privadas, uma pública e uma estatal.

Foram visitados ainda os *sites* de diversas outras instituições com expressiva importância no mercado financeiro brasileiro. No entanto, os pesquisadores não localizaram a Missão dessas organizações, contrariando o estabelecido pela literatura, uma vez que segundo Fernandes e Berton (2004, p. 167), “a Missão deve ser constantemente lembrada, vivida e aplicada na organização”, e divulgada externamente (FERNANDES; BERTON, 2005).

Por fim, foi realizada a _____ da Missão organizacional do grupo de instituições dentro dos moldes estabelecidos por Bardin (1977), Freitas, Cunha Jr. e Moscarola (1996) e Vergara (2005). Para Bardin (1977), a análise de conteúdo é composta por um conjunto de técnicas de análise do teor manifesto das comunicações, que visa obter, sistemática e objetivamente, indicadores – quantitativos ou qualitativos – que permitam inferir sobre as condições de produção e recepção das mensagens. Nesta pesquisa, a análise de conteúdo compreendeu as três etapas básicas estabelecidas por Bardin (1977), as quais são: i) Pré-análise; ii) Exploração do material; e, iii) Tratamento dos dados e interpretação.

A pré-análise refere-se à seleção do material – coleta dos dados – e dos procedimentos a serem seguidos (BARDIN, 1977; VERGARA, 2005). Para tanto, Vergara (2005) estabelece que nessa fase deverá ser definido o tipo de grade a ser adotada, as categorias e a unidade de análise. Dessa forma, foram coletadas

as definições de Missão organizacional de nove instituições financeiras, haja vista que foi possível a localização das mesmas nos respectivos *sites* das instituições.

A grade de análise adotada foi a fechada. Nesse tipo de grade “definem-se preliminarmente as categorias pertinentes ao objetivo da pesquisa. Identificam-se, no material selecionado, os elementos a serem integrados nas categorias já estabelecidas” (VERGARA, 2005, p. 17), ou seja, o pesquisador recorre à literatura pertinente ao tema de pesquisa para formular as categorias que são estabelecidas *a priori*. Tal procedimento é indicado quando o pesquisador deseja verificar a presença ou ausência de determinados elementos (VERGARA, 2005).

Para Freitas, Cunha Jr. e Moscarola (1996, p. 7), “as categorias de análise são as rubricas significativas em função das quais o conteúdo será classificado e eventualmente quantificado”. Nesta pesquisa, as categorias de análise foram definidas a partir de cinco critérios encontrados na literatura como sendo aqueles que devem constar numa declaração de Missão: i) Produto/serviço oferecido pela instituição; ii) Definição do mercado de atuação; iii) Consumidores-alvos; iv) Demonstração de preocupação com aspectos ambientais e sociais (Responsabilidade Social); e, v) Tecnologia utilizada em suas atividades.

Com relação à _____, Vergara (2005) estabelece que na análise de conteúdo ela pode ser uma palavra, expressão, frase ou parágrafo. Para este trabalho a unidade de análise foi definida como a declaração de Missão (um parágrafo) disponível no *site* de cada uma das instituições analisadas. A segunda etapa da análise de conteúdo compreende a exploração do material e diz respeito à implementação dos procedimentos escolhidos (VERGARA, 2005). Nesta pesquisa, adotou-se o tipo de análise _____ a qual se baseia na presença ou ausência de uma dada característica (FREITAS; CUNHA JR.; MOSCAROLA, 1996). Dessa forma, procurou-se verificar a existência de cada um dos aspectos definidos como categorias de análise na declaração de Missão das instituições analisadas.

A última fase da análise de conteúdo compreende o _____ e refere-se à geração dos resultados da investigação (VERGARA, 2005), os quais são detalhados a seguir. O trabalho restringiu-se a uma análise da Missão organizacional em nove instituições financeiras, uma amostra pequena em relação ao universo de instituições existentes no mercado financeiro brasileiro, o que em hipótese alguma permite generalizações de resultados por parte dos pesquisadores.



ENFOQUE DE ESTUDO

PROBLEMA DE PESQUISA

A definição de um problema de pesquisa torna-se importante para o estudo, tendo em vista que reflete nas demais escolhas do pesquisador. Não representa uma tarefa fácil, tendo em vista a multiplicidade de temáticas e de fenômenos sociais disponíveis na realidade, que podem se constituir em problemas para investigação. Ainda assim, pesquisadores devem busca delimitar com destreza o foco central do estudo (TRIVIÑOS, 1987).

Richardson (1999, p. 27) aponta que “às vezes, a pergunta é escolhida para resolver um problema específico. Outras vezes, a pergunta surge da curiosidade”. Independente de como este tenha sido constituído, torna-se essencial que os pesquisadores procurem ser claros e objetivos em sua definição (MARCONI; LAKATOS, 2010).

Para tanto, Triviños (1987) aponta que a vivência prática do pesquisador, permeada pela sua interação com diferentes grupos, pode indicar as temáticas mais relevantes que merecem sua atenção no processo de pesquisa. Temáticas, que podem ou não estar relacionadas com sua área de formação.

De outro modo, a definição de um problema de pesquisa pode se dar pela leitura de trabalhos de outros pesquisadores, que pela forma como conduziram seus estudos, indicaram ao final, novas perspectivas de compreensão dos fenômenos sociais vigentes. Indicações, que pela relevância, se tornam passíveis de análise e ainda representam a possibilidade de consolidação de um campo de conhecimento robusto (TRIVIÑOS, 1987).

Triviños (1987, p. 95) sugere duas formas para a delimitação de um problema de pesquisa, que são:

- Problema definido a priori pelo pesquisador, com pouco ou nenhum contato com o meio que interessa;
- Problema é determinado pelo investigador e as pessoas envolvidas no estudo em diferentes níveis de participação das mesmas.

Marconi e Lakatos (2010, p. 144) apontam alguns critérios que devem ser utilizados na avaliação da relevância de um problema de pesquisa, que são:

- Viabilidade: pode ser eficazmente resolvido através da pesquisa;
- Relevância: deve ser capaz de trazer conhecimentos novos;
- Novidade: estar adequado ao estágio atual da evolução científica;
- Exequibilidade: pode chegar a uma conclusão válida;
- Oportunidade: atender a interesses particulares e gerais.

O problema de pesquisa apresenta as seguintes características:

- Elaborado em forma de pergunta (?)
- Questão central do estudo
- Máximo possível específico
- Norteador das ações do pesquisador
- Existência de um único problema por estudo
- Deve ser respondido no final

Exemplo de problema de pesquisa apresentado por Triviños (1987, p. 96):

- **Tema:** Fracasso Escolar
- **Delimitação do Problema:** O fracasso escolar nas escolas estaduais de 1º grau da cidade de Porto Alegre, RS.
- **Formulação do Problema:** Quais são as causas, segundo a percepção dos alunos repetentes, dos pais e dos professores, do fracasso escolar e o significado que este tem para a vida dos estudantes que fracassam, segundo estes mesmos, os pais e os educadores das escolas de 1º grau da cidade de Porto Alegre, RS?

Outros exemplos:

- Quais as características do mercado de atuação da UNICENTRO?

- Qual é a percepção dos funcionários em relação à imagem da Instituição de ensino no mercado local?
- Existe relação entre o preparo acadêmico e o sucesso em uma atividade profissional?

OBJETIVO GERAL

Os objetivos, tanto geral quanto específicos, têm como propósito central apresentar aquilo que será investigado pelo estudo (MARCONI; LAKATOS, 2010). Seja uma temática construída a partir da própria teoria, ou com base na vivência prática dos pesquisadores.

Por sua vez, o objetivo geral representa o problema de pesquisa, delimitando claramente o foco do estudo. O objetivo geral de pesquisa apresenta as seguintes características:

- Tradução do problema de pesquisa
- Uso de verbo (analisar, conhecer, averiguar)
- Existência de um único objetivo geral
- Auxiliará na definição dos objetivos específicos

Exemplos de objetivo geral:

- Descrever as características do mercado de atuação da UNICENTRO.
- Identificar a percepção dos funcionários em relação à imagem da Instituição de ensino no mercado local, bem como seu impacto na qualidade do ensino.
- Verificar a relação entre o preparo acadêmico e o sucesso em uma atividade profissional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Os objetivos específicos de pesquisa apresentam as seguintes características:

- Etapas para se atingir o objetivo geral
- Utilizar verbo de ação em todos
- Existência de no mínimo dois
- Parte da descrição e análise dos dados

Exemplos de objetivos específicos para um estudo que possui como objetivo geral “Descrever as características do mercado de atuação da UNICENTRO”:

- Levantar o número de instituições de ensino, inseridas na região
- Descrever as características de atuação de cada uma dessas instituições
- Mapear as áreas atendidas pelos cursos de graduação da UNICENTRO
- Verificar o perfil sócio-econômico das regiões atendidas pela UNICENTRO

REFERENCIAL TEÓRICO

O referencial teórico de uma pesquisa consiste na base conceitual que sustenta as argumentações do estudo. É construído a partir dos conceitos apresentados por diferentes autores.

A construção da fundamentação teórica, embora trabalhosa, é essencial para delimitação da posição da proposta de pesquisa em relação ao assunto investigado. Requer uma série de decisões do pesquisador acerca dos autores a serem utilizados, da posição desses autores em relação ao tema e da questão cronológica das publicações levantadas (TRIVIÑOS, 1987).

Atenção se deve ter com o fato de acreditar que o arcabouço teórico serve para qualquer tipo de estudo. As teorias são provenientes de fenômenos sociais reais, devendo para tanto explicar essa realidade, embora possam ser questionadas a partir de estudos que apontem suas limitações (TRIVIÑOS, 1987).

Estão relacionados com:

- Problema de Pesquisa
- Objetivo Geral
- Objetivos Específicos

Exemplodereferencialteóricoparaumestudossobreempendedorismo, que parte do geral para o específico:

- Desenvolvimento do Empreendedorismo
- Empreendedorismo no Brasil
- Conceitos e Definições de Empreendedorismo
- Empreendedor
- Perfil Empreendedor
- Tipos de Empreendedor
- Necessidades do Empreendedor

Exemplo de referencial teórico para um estudo sobre empreendedorismo, que trabalha diretamente os assuntos específicos relacionados ao tema:

- Cultura Empreendedora
- Processo Empreendedor
- Características do Empreendedor
 - Necessidades
 - Conhecimentos
 - Habilidades
 - Valores

QUESTÃO PARA DEBATE

1) Utilizando o exemplo de estudo abaixo, discuta a relação entre Objetivo Geral, Problema de Pesquisa e Objetivos Específicos em uma pesquisa?

Problema de Pesquisa

Como vêm ocorrendo as mudanças estratégicas das empresas do setor hoteleiro de Curitiba, em relação aos recursos internos, às forças competitivas externas e aos relacionamentos interorganizacionais, dentro de uma perspectiva integradora, para enfrentar a concorrência das redes hoteleiras nacionais e internacionais?

Objetivo Geral

Compreender, a partir de um estudo de casos múltiplos, como vêm ocorrendo as mudanças estratégicas das empresas hoteleiras curitibanas, em relação aos recursos internos, às forças competitivas externas e aos relacionamentos interorganizacionais, para enfrentar a concorrência das redes hoteleiras nacionais e internacionais.

Objetivos Específicos

1. Apresentar o contexto do setor hoteleiro do Brasil e de Curitiba.
2. Identificar quais são os recursos internos que vêm sendo utilizados pelas empresas do setor hoteleiro em Curitiba, com base na Abordagem Baseada em Recursos proposta por Barney (1991).
3. Identificar quais são as forças competitivas externas que vêm atuando no ambiente das empresas do setor hoteleiro em Curitiba, com base na Abordagem das Cinco Forças proposta por Porter (1986).
4. Identificar quais são os relacionamentos interorganizacionais que vêm sendo praticados pelas empresas do setor hoteleiro em

Curitiba, com base na Abordagem Relacional proposta por Dyer e Singh (1998).

5. Verificar as mudanças estratégicas, ações preventivas e reativas, que vêm sendo adotadas pelas empresas do setor hoteleiro em Curitiba, em relação aos recursos internos, às forças competitivas externas e aos relacionamentos interorganizacionais.

ATIVIDADES

1) Adotando como tema de estudo “Perfil Empreendedor”, faça uma proposta de estudo, definindo Problema, Objetivo Geral e Objetivos Específicos (Lembrete: toda pesquisa possui somente 1 objetivo geral e pelo menos 2 objetivos específicos).

LEITURA COMPLEMENTAR

BARROS, Kazue Saito Monteiro de. Réplica 1 – o que é um ensaio?. **Rev. adm. contemp.** [online]. 2011, vol.15, n.2, pp. 333-337. ISSN 1982-7849. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a11.pdf>

BERTERO, Carlos Osmar. Réplica 2 – o que é um ensaio teórico? Réplica a Francis Kanashiro Meneghetti. **Rev. adm. contemp.** [online]. 2011, vol.15, n.2, pp. 338-342. ISSN 1982-7849. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a12.pdf>

BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2007. (Página 33 a 42; Página 61 a 66).

GRESSLER, L. A. **Introdução à Pesquisa: Projetos e Relatórios**. São Paulo: Loyola, 2004. (Página 113 a 118).

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2012. (Página 11 a 13).

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de Metodologia da Pesquisa Científica**. São Paulo: Atlas, 2000. (Página 61 a 70).

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. O que é um ensaio-teórico?. **Rev. adm. contemp.** [online]. 2011, vol.15, n.2, pp. 320-332. ISSN 1982-7849. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a10.pdf>

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. Tréplica – o que é um ensaio-teórico? Tréplica à professora Kazue Saito Monteiro de Barros e ao professor Carlos Osmar Bertero. **Rev. adm. contemp.** [online]. 2011, vol.15, n.2, pp. 343-348. ISSN 1982-7849. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rac/v15n2/v15n2a13.pdf>

PACHECO JÚNIOR, W.; PEREIRA, V. L. D. V.; PEREIRA FILHO, H. V. **Pesquisa Científica sem Tropeços**. São Paulo: Atlas, 2007. (Página 58 a 62; Página 64 a 72).



ANÁLISE E DISCUSSÃO

ANÁLISE E INTERPRETAÇÃO DE DADOS

O processo de análise e interpretação dos dados corresponde à etapa final do estudo de pesquisa. Diz respeito ao tratamento aplicado aos dados coletados junto aos documentos e pessoais em geral, com o propósito de construir uma argumentação relevante que responda aos objetivos da pesquisa, bem como ao problema central adotado como propósito da investigação (MARCONI; LAKATOS, 2010).

As diferentes técnicas adotadas no processo de análise e interpretação dos dados, estão diretamente ligadas à abordagem assumida pelos pesquisadores. Correspondem de forma íntima às classificações do estudo, quanto à natureza, nível e tipo, conforme discutido no Capítulo II.

Dois direcionamentos podem ser assumidos na análise de dados: a perspectiva da Análise Qualitativa e a perspectiva da Análise Quantitativa. No primeiro caso duas estratégias se apresentam como centrais, a Análise de Conteúdo e a Análise de Discurso. No que se refere à Análise Quantitativa, tem-se a Estatística Descritiva, além das Técnicas Paramétricas e Não Paramétricas.

ANÁLISE QUALITATIVA DE DADOS

Visando captar as características essenciais, os significados, as convergências e divergências dos conteúdos das entrevistas e dos documentos, utilizou-se a análise de conteúdo que, segundo Laville e Dionne (1999, p. 214-215), “permite abordar atitudes, valores, representações, mentalidades e ideologias”. Contudo a abordagem qualitativa para a análise de conteúdo conserva a forma literal dos dados, atendo-se às evidências existentes entre as unidades e as categorias adotadas (LAVILLE; DIONNE, 1999).

De acordo com Bardin (1977, p. 42), a análise de conteúdo pode ser entendida como “um conjunto de técnicas da análise de comunicações visando obter, por procedimentos, sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens”.

Conceitualmente a Análise de Conteúdo pode ser entendida como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações, visando obter, por meio de procedimentos sistemáticos, e objetivos de descrição de conteúdo da mensagem, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) desta mensagem” (BARDIN, 1977).

Desse modo, Bardin (1977) destaca que a “Análise de Conteúdo busca conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça. A linguística é um estudo da língua, a análise de conteúdo é uma busca de outras realidades através das mensagens. A análise documental permite passar de um documento primário (em bruto), para um documento secundário (representação do primeiro). A documentação trabalha com documentos; a análise de conteúdo com mensagens (comunicação)”.

Desse modo, alguns aspectos podem ser discutidos no sentido de se aproximar de possíveis limitações do método apresentado, dentre os quais destaca-se o fato de que em diversos momentos a Análise de Conteúdo é confundida com uma abordagem desprovida de qualquer sistematização, estando diretamente atrelada à ação interpretativista do pesquisador, o que ocasiona uma redução em seu rigor metodológico. Tal fator ocasionaria o desenvolvimento de uma análise que foge ao conteúdo expresso pelos atores sociais, envolvendo aspectos ligados à subjetividade e significados, atrelado a uma perspectiva mais qualitativa de análise, o que de fato contribuiria com maior profundidade aos estudos na área de ciências sociais.

Sendo assim, emerge um segundo aspecto amplamente criticado no método de Análise de Conteúdo apresentado por Bardin, qual seja, suas características o aproximam de uma análise quantitativa de conteúdos, onde a principal preocupação dos pesquisadores seria a quantificação dos dados e a frequência de ocorrência dos mesmos, apresentando técnicas que estariam enquadradas por limites definidos pelos conteúdos utilizados nas pesquisas.

Por sua vez, faz-se necessário salientar também a complexidade e profundidade do método apresentado por Bardin, de modo que em muitas situações, as limitações de seu uso estão diretamente ligadas aos pesquisadores que se aventuram a usá-lo, pois, em muitos casos, estes não possuem a qualificação necessária para o desenvolvimento da Análise de Conteúdo, de acordo com os princípios estabelecidos pela autora.

Por fim, cabe salientar que “a Análise de Conteúdo constitui um bom instrumento de indução para se investigarem as causas (variáveis inferidas) a partir dos efeitos (variáveis de inferência ou indicadores; referências no texto), embora o inverso, predizer os efeitos a partir de fatores conhecidos, ainda esteja ao alcance das nossas capacidades” (BARDIN, 1977).

A elaboração de indicadores estaria diretamente ligada à definição de categorias, dimensões e elementos de análise que seriam utilizados pelos pesquisadores para guiar a condução da Análise de Conteúdo. A etapa de pré-teste da análise, de acordo com Bardin (1977), seria essencial para verificar se os indicadores de fato respondem aos objetivos propostos. Desse modo, tendo-se como foco a triangulação de fontes de dados, como o pesquisador deve proceder para garantir que as categorias, dimensões e elementos sejam adequados para a análise de entrevistas, documentos e imagens, considerando-se a natureza distinta das fontes.

Por sua vez, na Análise de Discurso, Heracleos (2006) aponta que o discurso é proveniente de vários textos ou de uma linguagem significativa empregada em uma discussão ou entendimento, atrelada a determinados contextos. Apresenta uma distinção entre a ideia falada e os textos escritos, enfatizando que o discurso falado está relacionado ao presente e que o texto escrito está disponível a qualquer tempo para os interessados (HERACLEOS, 2006). Para tanto, Heracleos (2006) descreve quatro abordagens centrais para a análise de Discurso:

- Abordagem funcional: o discurso baseia-se na linguagem da comunicação, usada instrumentalmente pelos atores sociais e sobre a gestão para atingir determinados objetivos;
- Abordagem interpretativa: o discurso é classificado como uma ação de comunicação exibindo propriedades estruturais e construtivas das realidades sociais e organizacionais;

- Abordagem crítica: o discurso é conceituado como relações de poder mediante o prévio conhecimento das identidades dos sujeitos e das estruturas organizacionais. O discurso é proveniente da racionalidade advinda das elites dominantes, sendo analisado a partir de uma perspectiva histórica; e
- Abordagem estruturacional: o discurso emerge como prática de dualidade de ações de comunicação, pela modalidade interpretativa, onde molda o discurso de acordo com os próprios entendimentos, pois a percepção dos atores é feita de propósito, em vista de que são agentes habilitados e condicionados pelas estruturas discursivas.

Observa-se que a maioria dos autores propõe a aproximação entre a teoria da análise de discurso e outras correntes teóricas, até mesmo de outros campos do conhecimento, com o intuito de elevar sua eficiência e promover uma compreensão mais ampla dos discursos, e não simplesmente acreditar naquilo que está formalizado em material impresso ou áudio e vídeo.

A partir da leitura e análise dos textos, pode-se observar que a técnica de análise de documentos torna-se extremamente relevante em estudos longitudinais que tenham como foco a compreensão histórica da estrutura sócio-cultural de determinado grupo. Destaca-se que um fator torna-se crítico e é pouco explorado pelos autores, e diz respeito a como garantir a veracidade das informações tendo em vista que, dependendo da idade dos documentos, não é mais possível dialogar com seus responsáveis.

Desse modo, é imprescindível que os pesquisadores utilizem a técnica de triangulação de dados, de fontes ou de técnicas de instrumentos de coleta para garantir a confiabilidade das informações geradas pela pesquisa e assim apreender de fato a realidade do fato estudado.

Em relação aos dados coletados em documentos, percebe-se uma distinção entre os depoimentos e os testemunhos orais, mas, enfatizando que ambos são gerados por indivíduos tidos como “especiais”. Devidas ressalvas devem ser adotadas, haja vista que, todos sem distinção podem produzir depoimentos ou testemunhos orais, não sendo necessário apresentar qualquer perfil especial.

Em relação a documentos orais ou depoimentos, é possível afirmar ainda que a análise de documentos orais (áudios e vídeos) apresenta-se mais relevante do que a análise de documentos escritos, uma vez que aqueles possibilitam ao pesquisador observar expressões dos atores sociais envolvidos, ao relatar determinados assuntos, tendo assim a oportunidade de avaliar a relevância das informações coletadas.

A história oral também apresenta limitações em relação ao uso de seus conteúdos, uma vez que, no decorrer de sua construção, a subjetividade

dos sujeitos envolvidos, pode implicar na distorção dos dados, ou ainda informações relevantes podem ser esquecidas. O uso de categorias analíticas previamente definidas surge como estratégia para garantir a qualidade dos resultados da pesquisa.

Finalmente, Berg (2008) salienta que “os cientistas sociais têm tradicionalmente usado uma variedade de relatórios oficiais e registros. Diversas agências governamentais existem, literalmente, a fim de gerar, avaliar e difundir informações de pesquisa. Em muitos casos, além de análise estatística simples, relatórios detalhados e monografias estão disponíveis. Além disso, e por causa dos avanços tecnológicos em dispositivos de áudio e filmagem, está se tornando cada vez mais possível obter relatos integrais das audições governamentais, as sessões do Congresso, e eventos similares”.

Para tanto, é necessário que os pesquisadores se preocupem adequadamente com os impactos dos resultados apresentados por estudos que utilizam essencialmente dados disponíveis em documentos públicos, tendo em vista que estes refletem características de diversas camadas da sociedade.

ANÁLISE QUANTITATIVA DE DADOS

Olsen e Morgan (2005) discutem as contribuições reais dos mecanismos estatísticos utilizados em diferentes pesquisas, bem como o que seria necessário ser feito para aumentar a confiança daqueles que acreditam que os dados quantitativos, oriundos de métodos estatísticos não conseguem explicar de fato as relações entre as variáveis do fenômeno estudado.

Olsen e Morgan (2005), apresentam o seguinte questionamento, como podemos interpretar o que fazemos com as estatísticas de análise, e como podemos incorporá-las em pesquisa?. Justifica-se tal questionamento em virtude da discordância de crença que existe entre diferentes pesquisadores, em função de suas práticas de pesquisa. Os autores buscam com a indagação minimizar as diferenças e mostrar que seja qual for o método e as técnicas aplicadas, a compreensão do objeto de estudo possui seu valor, sendo que esta escolha se configura na metodologia adota. Desse modo, “metodologias geralmente têm embutidas nelas suposições sobre a natureza da realidade e axiomas subjacente ou implícita sobre o comportamento humano” (OLSEN; MORGAN, 2005, p. 4).

As críticas aos mecanismos estatísticos se sustentam pela crença de que técnicas “fechadas” de pesquisa permitem compreender fenômenos sociais em sua complexidade, apresentando assim resultados distantes da realidade estudada.

Destacam-se ainda os fatores ligados ao processo de formação e socialização do pesquisador crítico da estatística analítica, que normalmente possui ideologias arraigadas que foram incrustadas pelos atores sociais existentes em seu ambiente de formação. Tomadas como verdades nas quais ele dirige suas ações no processo de pesquisa e qualquer perspectiva divergente tende a ser rejeitada, por fatores que fogem à sua compreensão ou por vir de encontro aos elementos nos quais o pesquisador acredita serem os mais adequados para se explicar diferentes realidades sociais.

Entretanto, o foco da discussão não deve estar no método adotado, mas nas interpretações dos resultados feitas por pesquisadores, tendo em vista que nestas sim podem existir distorções acerca daquilo que os dados estatísticos realmente representam. “O que importa é como os argumentos são construídos pelo pesquisador que usa estatística” (OLSEN; MORGAN, 2005, p. 35).

Bromiley e Jhonson (2005) discutem a importância dos mecanismos para a busca de explicações acerca das relações entre as variáveis conceituais definidas nas pesquisas. Muitas vezes o que se observa é uma distorção no foco das pesquisas, onde os pesquisadores acreditam que com o uso de diferentes técnicas estatísticas irão gerar resultados que permitiram testar e comprovar a veracidade e confiabilidade das teorias que estão utilizando.

Contudo os autores destacam que, na verdade, o princípio essencial da pesquisa está na busca por identificar como a teoria se manifesta na prática, quais são suas implicações empíricas quando aplicada a mecanismos diversos (BROMILEY; JHONSON, 2005).

Desse modo, cuidado deve ser tomado com os testes a serem feitos, pois os elementos base de uma teoria quando aplicados a determinados ensaios estatísticos podem conduzir os pesquisadores a conclusões distorcidas da realidade. Assim torna-se essencial que os pesquisadores saibam distinguir entre as diferentes possibilidades, aquela que melhor se adequa ao objeto de estudo, de modo que sejam apreendidas todas as possibilidades de explicações causais de um arcabouço teórico na prática (BROMILEY; JHONSON, 2005).

LEITURA COMPLEMENTAR

FREITAS, H.; JANISSEK-MUNIZ, R. Análise quali ou quantitativa de dados textuais. **Revista Quali & Quanti**. 2009. Disponível em: <<http://terezav.files.wordpress.com/2009/11/analisequaliouquantitativadedadostextuais.pdf>>.

KIRSCHIBAUM, C. Decisões entre pesquisas quali e quanti sob a perspectiva de mecanismos causais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 28, n. 82, Jun. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v28n82/v28n82a11.pdf>>.

FREITAS, H.; MOSCAROLA, J. Da Observação À Decisão: Métodos De Pesquisa E De Análise Quantitativa E Qualitativa De Dados. **RAE-eletrônica**, Volume 1, Número 1, jan-jun/2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/raeel/v1n1/v1n1a06.pdf>>.

ATIVIDADES

1) A partir do exemplo de estudo, proposto na atividade do item 3.6, discuta como seriam coletados e analisados os dados da pesquisa. Apresente, nessa proposta metodológica, as fontes de dados, os instrumentos de coleta de dados e o procedimento para análise desses dados.

REFERÊNCIAS

BAPTISTA, M. N.; CAMPOS, D. C. **Metodologias de Pesquisa em Ciências: análises quantitativa e qualitativa**. Rio de Janeiro: LTC, 2007.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1977.

BARROS; A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BERG, B. L. **Qualitative research methods for the social sciences**. Boston: Pearsons, 2008.

BROMILEY, P.; JHONSON, S. Mechanisms and empirical research. **Research Methodology in Strategy and Mangement**, v. 2, p. 15-29, 2005.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia científica**. São Paulo: Prentice Hall, 2002.

CAMPOMAR, M. C. Do uso de “estudo de caso” em pesquisas para dissertações e teses em administração. **Revista de Administração da USP**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 95-97, jul./set. 1991.

EASTERBY-SMITH, M.; THORPE, R.; LOWE, A. **Pesquisa gerencial em administração**. São Paulo: Pioneira, 1999.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. São Paulo: Saraiva, 2006.

- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.
- GRESSLER, L. A. **Introdução à Pesquisa: Projetos e Relatórios**. São Paulo: Loyola, 2004. (Página 113 a 118).
- HERACLEOS, L. **Discourse, Interpretation, Organization**. Cambridge, 2006.
- LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Editora UFMG, 1999.
- MAIOR FILHO, J. S. Pesquisa em administração: em defesa do estudo de caso. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 24, n. 4, p. 146-149, out./dez. 1984.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2010.
- NEUMAN, L. W. **Social research methods: qualitative and quantitative approaches**. Boston: Allyn & Bacon, 1997.
- OLSEN, W.; MORGAN, J. A Critical Epistemology of Analytical Statistics: Addressing the Sceptical Realist. **Journal for the Theory of Social Behaviour**, 35, 3, 2005.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Editora Atlas, 1999.
- RUIZ, J. A. **Metodologia Científica: Guia para eficiência nos estudos**. São Paulo: Atlas, 2006.
- SAUNDERS, M.; LEWIS, P.; THORNHILL, A. **Research methods for business students**. Harlow, England: Pearson Education, 2000.
- TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação**. São Paulo: Editora Atlas, 1987.
- VERGARA, S. C. **Métodos de pesquisa em administração**. São Paulo: Atlas, 2005.
- YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e método**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

